

aprendizes de português língua estrangeira e segunda língua (PLE-2), quando da utilização do PPC e das perfases aqui analisadas, acreditamos ser a descrição realizada em português língua materna (PLM) imprescindível para que possamos apresentar subsídios que contribuam, efetivamente, para a pesquisa linguística e para o ensino de PLE-2.

5. Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, A. (2004) "Pré-terito Perfeito Composto: emprego e possíveis intercambiabilidades". *Trabalho apresentado no I Encontro de Português Língua Estrangeira do Rio de Janeiro, PLE-RJ* realizado na PUC-Rio.
- BECHARA, E. (2004) *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. revista e ampliada, 14ª reimpressão. Rio de Janeiro; Editora Lucerna.
- CAMPOS, M. H. C. (1997) O pretérito perfeito composto: um tempo presente? In: *Tempo, aspecto e Modalidade*. Porto Editora.
- COSTA, S. B. B. (1997) *O aspecto em português*. São Paulo; Contexto.
- CUNHA, Celso & CINTRA (2001) *Lindley. A nova gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FILLMORE, C. J. (1977) Em favor do caso. In: LOBATO, L.M.P. (1977) *A Semântica na linguística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro; Francisco Alves.
- ILARI, R. E MANTOANELLI, I. (1983) *As formas progressivas do português*. In.: *CADERNOS de Estudos Linguísticos*. Campinas, UNICAMP, nº 5.
- MARQUES, M. H. D. (2001) *Iniciação à Semântica*. 5ª ed., Rio de Janeiro; Jorge Zahar. Editor.
- MASIP, V (2000) *Gramática do português como língua estrangeira*. São Paulo; EPU.
- MATEUS, M. H. M. (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra; Almedina.
- MEYER, R.M. de B. (1991) *Complementação da Forma Nominalizada deverbal sufixal e a conceituação do complemento nominal*. Tese de doutoramento, PUC-Rio.
- PERES, J. A. (1984) *Elementos para uma gramática nova*. Coimbra; Almedina
- PRISTA, Alexander da R. (1966) *Negatives*. In: *Essential Portuguese Grammar*. New York: Dover: 42-43.
- RAMALHETE, Raquel. (1985a) *Tudo bem 1*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro. (1985b) *Tudo bem 2*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro.
- VANNIER, A. H. (2003) *Pré-terito Perfeito Composto em Português Língua Estrangeira*. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.

CONTEMPORANEIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO

Atsushi Ichinose
Universidade Sofia, Tóquio

Resumo: O objetivo deste artigo é de divulgar mais e melhor a situação atual da língua portuguesa no Japão e a nova realidade que essa língua trouxe ao povo japonês a fim tanto de desenvolver o ensino do português nesse país como de determinar, com maior precisão, a posição dessa língua no mundo de hoje..

Até os dias de hoje, quando se trata, no Japão, da língua portuguesa, a primeira coisa que se recorda é o fato de que ela foi a primeira língua ocidental com que o povo japonês teve contacto e deixou na língua japonesa alguns vocábulos ainda hoje utilizados. Este acontecimento histórico entre as duas línguas continua, ainda hoje, a possibilitar-nos referir aos quinhentos anos de amizade luso-japonesa nos meios diplomáticos e provocar o interesse dos alunos da escola secundária pela aprendizagem do português nas universidades. No entanto, como já se mencionou acima, analisarei sucintamente a situação atual da língua portuguesa e falarei da "lusofonia" emergente do Japão, o que eventualmente contribuirá para traçar uma perspectiva do futuro dessa língua no mundo. Isso significa que irei afastar da visão retrospectiva e assumir a visão mais futurista.

Primeiro, descreverei a posição da língua portuguesa no ensino escolar do Japão. Conforme as novas pesquisas, depois da derrota sofrida na Segunda Guerra Mundial, o Japão começou a considerar-se um país de única nação e de única língua. Para muitas pessoas, inclusive os intelectuais e políticos, quem vive no país de sol nascente e fala a língua japonesa continuava, durante décadas, a ser japonês. Neste Japão do pós-guerra, o ensino do inglês é obrigatório em nível colegial e secundário, e quase a totalidade dos estudantes nas universidades continua a aprender essa língua como uma língua estrangeira. Embora seja possível escolher o francês, alemão ou espanhol como uma segunda língua estrangeira no ensino universitário e algumas escolas privadas de nível secundário, o predomínio do inglês nas escolas japonesas é mais do que nítido. Assim sendo, para o povo japonês em geral,

quando se fala de língua estrangeira, logo e somente se pensa (ou pensava) em inglês.

Quanto à língua portuguesa, com muito poucas exceções, o seu ensino apenas se restringe ao nível superior, existindo departamentos destinados exclusivamente ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa em seis universidades além de haver em várias universidades cursos de português como cadeiras de opção. A maior razão pela qual foram fundados, nas referidas seis universidades, cursos especializados em ensino da língua portuguesa e estudos luso-brasileiros foi, com certeza, a ocorrência da imigração japonesa aqui no Brasil.

Por exemplo, em 1959, cinco anos antes da fundação do Departamento de Português na Universidade Sofia no qual estou a ensinar a gramática portuguesa há mais de uma década, foi criado o Centro Luso-Brasileiro onde se ensinava o português às pessoas candidatas à emigração ao Brasil. É evidente que nos seis departamentos acima mencionados, desenvolvem-se também pesquisas sobre temáticas de Portugal, no entanto, supõe-se que, só com as relações luso-japonesas que duram cerca de 500 anos, não teria havido instituições universitárias no Japão onde se podia aprender português e exercer estudos luso-brasileiros.

Para se inteirar melhor da realidade do ensino de português no Japão, pretendo apresentar o Departamento de Português e Estudos Luso-Brasileiros da Universidade Sofia. Este departamento poderá demonstrar a situação vivida nos departamentos de português das outras universidades no sentido de que

esses departamentos são administrados pelo semelhante por sistema semelhante de ensino, embora haja evidentemente diversas diferenças de diretrizes e metodologia de ensino entre eles.

A Universidade Sofia, que é uma instituição jesuítas, divide-se em 7 faculdades e o Departamento de Português faz parte da Faculdade de Estudos Estrangeiros, destinada a realizar os chamados "estudos de área", juntamente com os departamentos de inglês, alemão, francês, espanhol e russo. O Departamento de Português, o mais novo da Faculdade, fundado em 1964, fez este ano exatamente 40 anos. A cada início do ano letivo em abril, são admitidos cerca de 50 alunos novos. Portanto, como a maioria dos cursos universitários do Japão leva 4 anos para a formatura, encontram-se, no total, mais de 200 estudantes dessa língua-alvo no departamento.

Por outro lado, em relação ao corpo docente, há neste momento, nove professores efetivos, entre os quais, 4 brasileiros e mais 10 professores não efetivos. Como implica o nome de departamento, contratam-se professores de dois tipos distintos. Um é professor de língua, o outro é professor de "estudos da área". Talvez seja necessário aqui explicar o que significa a expressão "estudos de área". No meu entender, exercer "estudos da área" é fazer pesquisas interdisciplinares de uma região ou de um país. Assim sendo há normalmente nos departamentos da Faculdade de Estudos Estrangeiros professores especializados em economia, política, sociologia etc. Esta constituição de cada departamento subentende que os professores de língua ensinam a língua aos alunos

para ajudá-los a desenvolver "os estudos da área".

Para apontar um dos problemas principais do meu departamento, indicarei o fato de que os professores de língua, de nacionalidades tanto japonesa como brasileira ou portuguesa, não são, no sentido estrito da palavra, especialistas do ensino de língua. Os professores da língua portuguesa são "autodidatas" como docentes da língua. Por exemplo, no meu caso, embora esteja a dar aulas de gramática portuguesa aos alunos de primeiro ano do departamento, sou, além de lusitanista, crioulista. A minha formação não é exatamente na área de metodologia de ensino do português como língua estrangeira. É evidente que continuo a aprender e estudar a língua portuguesa para melhorar a metodologia do ensino da gramática como os outros colegas de ensino da língua portuguesa. A minha pesquisa sobre os crioulos não me permite dispensar tempo suficiente para desenvolver muito a metodologia do ensino de língua na aula.

No caso dos meus colegas brasileiros, acontece a mesma situação. Embora eles sejam da faculdade das letras de uma universidade do Brasil, não têm a formação pedagógica nem têm tempo bastante para melhorar a própria capacidade individual como professores de língua. Resumindo, por mais que se esforcem nas suas iniciativas, não podemos deixar de reconhecer que se exige dos professores muito mais esforço para a melhoria do ensino da língua portuguesa no Japão.

Como as pessoas aqui presentes já devem ter reparado que a solução para esta situação atual do Japão seria,

portanto, o envio de professores brasileiros, portugueses ou africanos dos países de língua oficial portuguesa, formados em pedagogia da língua portuguesa como língua estrangeira. Sei que há dificuldades financeiras para concretizar essa estratégia, então, sugeriria uma proposta de que se organizem, durante o longo período de férias de cada ano, no Brasil ou em Portugal, cursos intensivos de formação de professores onde se podem adquirir métodos de ensino mais avançados para a nossa época. De qualquer maneira, precisa-se de mais e maior cooperação entre os países de língua oficial portuguesa, por um lado, e os países onde há grande interesse pela aprendizagem dessa língua, por outro lado.

A partir de agora afastar-nos-emos do ensino de português nas instituições universitárias e enfocaremos um aspecto da nova realidade do Japão. Como se sabe, vivem, neste momento, cerca de duzentos e setenta mil nipo-brasileiros em variadas regiões do Japão. Eles começaram a chegar, no início da década de 90 ao Japão com a intenção de trabalhar durante alguns meses, poupar o dinheiro que ganhavam e voltarem para o Brasil para viver melhor do que antes. Todavia, com o agravamento da situação econômica do Japão, a permanência dos trabalhadores nikkais começou a prolongar-se mais do que o esperado na medida em que se tornava cada vez mais difícil ganhar dinheiro suficiente em curto espaço de tempo.

Quando a permanência é comprida, surge maior necessidade de materiais indispensáveis à vida. Então, começaram a aparecer restaurantes

brasileiros, lojas de alimentos brasileiros, agências de registro e tradução de documentação, escolas brasileiras etc. Hoje em dia, em certas regiões do Japão, pode-se viver e sobreviver só falando a língua portuguesa. Não seria talvez exagero dizer que o português é a segunda língua oficial seguindo o japonês em certas zonas do país. Lembre-se aqui de que é de urgente necessidade organizar o ensino “da” e “na” língua portuguesa para os jovens brasileiros que moram no Japão. Considero que esta tarefa também faz parte da contemporaneidade do português no Japão. Está na hora de ensinar o português aos imigrantes no Japão, não aos futuros emigrantes para o Brasil.

Nunca podemos nem devemos ignorar a presença destes novos “vizinhos” para pensarmos na contemporaneidade da língua portuguesa no Japão. Utilizo a palavra “vizinho”, e de propósito, pois, embora a maioria deles não tenha a nacionalidade japonesa, nem fale a língua japonesa, nem tenha a cultura japonesa, os nikkeis, com certeza, contribuem à sociedade japonesa não só no aspecto econômico, mas também no aspecto cultural. Além dos seus contributos enormes para o Japão, no meu caso pessoal como professor da língua portuguesa, gostaria de chamá-los de “vizinhos” na medida em que essa língua se tornou muito mais familiar e próxima para os japoneses em geral com a presença dos brasileiros no Japão. Neste aspecto da aproximação do povo japonês com a língua portuguesa, devo referir-me também à presença dos treinadores e jogadores brasileiros na Liga

Japonesa de Futebol. No entanto, só com eles no mundo emergente do futebol profissional japonês, também é verdade que não se poderia falar da “lusofonia” no Japão.

Voltemos a tratar do significado da existência de grande número de trabalhadores brasileiros no Japão. Já me referi à maior familiaridade com a língua lusa dos japoneses suscitada pela presença dos nikkeis no Japão. A mudança que eles causaram na sociedade japonesa foi que o povo japonês começou a reparar que nem todos os “gaijins” (estrangeiros) falam a língua inglesa. Parece absurda esta descoberta pela parte da população japonesa, contudo, é uma evolução positiva na visão do mundo dos japoneses. Além disto, o povo japonês nota que o seu país não é monolíngue como se tem defendido desde a derrota na Segunda Guerra Mundial, mas plurilíngue.

Mencionei acima que em certas regiões do Japão, pode-se viver só falando o português. Na realidade, há jornais publicados regularmente em português. Há programação diária de rádio e televisão a cabo em português. Há cerca de 50 escolas brasileiras. Considerando estes factos, o Japão lusófono não é já uma realidade? Penso que se deve agora mudar a visão reinante no Japão frente à língua portuguesa de que a língua portuguesa é uma língua “menor” (não minoritária, evidentemente), já que o português, na verdade, é uma língua “maior” do mundo e na minha opinião, não é uma língua “no” Japão, mas sim uma língua “do” Japão. Para dar início à mudança de atitude, o papel do Departamento

de Português da Universidade Sofia é muito importante, pois, esta instituição tem defendido e divulgado a referida visão do português como uma língua “menor”. A razão de este departamento concordar com esta visão é para afirmar que um aluno que aprende uma língua “menor” é diferente dos outros estudantes e, portanto deve ter um valor maior.

Diga-se de passagem, que na última reunião de cúpula da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), realizada em Julho passado, foi admitida a participação dos países onde há grande comunidade dos falantes de português como membros-observadores, mesmo sem ser oficial esta língua nesses países. Esta alteração nos estatutos dessa instituição lusófona implica que o Japão também poderá pedir a adesão como um país-observador. Recomenda-se que a CPLP preste mais atenção ao que se passa no país do sol nascente. O Japão e os países de língua oficial portuguesa estão e estarão cada dia mais próximos uns dos outros.

Considerações finais

Para finalizar este pequeno artigo, gostaria de apelar para que sempre se recordem de que há no Japão amantes da língua portuguesa e das várias culturas do espaço lusófono.

P.S.: Após a minha apresentação no V Congresso da SIPLE realizado na Universidade de Brasília, fiquei a saber através de alguns participantes que já existem cursos intensivos de formação de professores de língua portuguesa na Universidade de Campinas, o curso de extensão do mesmo fim na Universidade de Brasília e o curso de mestrado do igual objetivo na Universidade de Lisboa. Sem participar neste Congresso da SIPLE, teria sido difícil, sendo impossível, obter estas informações tão necessárias para os professores de português no Japão. Portanto, valeu a pena a ida a Brasília.